



## PAUSÂNIAS NO BANQUETE DE PLATÃO: EN- CÔMIO AO EROS SOFÍSTICO [PAUSANIAS IN PLATO'S SYMPOSIUM: ENCOMIUM TO EROS SOPHISTIC]

**Vicente Brazil**  
*Professor da UECE*  
*E-mail: vicente.brazil@uece.br*

v.14, n.28  
*Janeiro-Abril de 2017*  
ISSN: 1984-9206

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os fundamentos teóricos que balizam os argumentos apresentados por Pausânias em seu célebre discurso no Banquete. Demonstrar-se-á a forte influência sofística que carrega tal encômio, devendo, por isso, ser entendido como uma forte crítica platônica ao modelo paidético proposto por esse grupo de pensadores. Concluir-se-á ainda, evidenciando, que assim como os demais discursos, o elogio de Pausânias a Eros constitui-se, na verdade, um louvor a si mesmo, pretendendo-se conceber como amante/amado ideal.

### PALAVRAS-CHAVE

Pausânias; Sofística;  
Paidierastia; Platão; Banquete

### ABSTRACT

The present article aims to reflect on the theoretical foundations that mark the arguments presented by Pausanias in his celebrated speech at the Symposium. It will be demonstrated the strong sophistic influence that carries such an encombrance, and should therefore be understood as a strong Platonic criticism of the paidetic model proposed by this group of thinkers. It will also be concluded that, like the other discourses, the praise of Pausanias to Eros is, in fact, a praise of himself, intended to be conceived as an ideal lover / beloved.

### KEYWORDS

Pausanias; Sophistry;  
Paidierastia; Plato; Symposium

Pausânias, que também é mencionado no *Protágoras*, é um dos oradores do rememorado banquete de celebração à vitória de Agatão. Ele é citado como sendo oriundo da *polis* de Cerames<sup>1</sup>, descrito como amante de Agatão, bem mais velho que seu amado<sup>2</sup>, um advogado<sup>3</sup> defensor da pederastia como elemento constitutivo da cultura na Grécia antiga e discípulo do sofista Pródico<sup>4</sup>.

Estas resumidas, mas imprescindíveis informações, são bastante úteis para a compreensão do discurso doravante proferido. O argumento central do panegírico de Pausânias é o conceito do duplo: duas *Afrodites*, dois *Érotes*<sup>5</sup>, duas pessoas em relação amorosa. O amor em Pausânias é duplo por natureza, cindido, não pode ser uno, num contínuo, sempre o mesmo; ele é duplicado, dividido, assimétrico, por natureza.

Essa assimetria basilar no discurso de Pausânias – derivada dessa cisão estrutural do *Eros* que este defenderá – faz com que haja um jogo de certo e errado, louvável e reprovável, antigo e novo, divino e vulgar, forte e fraco, corpo e alma, *erastes-eromenos* que permeia toda fala do amante de Agatão<sup>6</sup>.

De acordo com Corrigan (2004, p.56,57) se Fedro pode ser definido como um mitólogo<sup>7</sup>, ao dedicar boa parte de sua argumentação à análise das narrativas clássicas da tradição arcaica, Pausânias deve ser compreendido como um sociólogo, ou segundo as palavras de Lacan (1992, p. 61) para evitar-se o anacronismo, como um observador da sociedade: absolutamente alinhado com a mentalidade sofística (cheia de elementos comparativos da cultura, com um uso constante da defesa de posições ambíguas – os *dissoi logoi* – e através da preocupação com a estruturação estilométrica de seu discurso)<sup>8</sup>.

1 Cf. *Prot.*, 315d.

2 Cf. 193b e *Protágoras* 315d-e.

3 Vide, Trabattoni (2012, p. 148); Nails (2002, p.222).

4 Pródico de Ceos, sofista contemporâneo de Demócrito e Górgias, notabilizou-se como professor em Atenas e seu nome está ligado a escrita de uma fábula sobre Hércules e seu encontro com a virtude e o vício, e suas discussões sobre a correte dos nomes.

5 Apesar desta ser a designação clássica para nomear os quatro mitológicos filhos de *Afrodite*, usaremos este vocábulo em sua acepção literal no desejo de indicar esta pluralidade intrínseca ao *Eros* apontada aqui por Pausânias e seguida por outros convivas no *Banquete*.

6 Vide Dover (2008, p.136).

7 Lacan (1992, p.61) em seu clássico Seminário 8, sobre a transferência, partindo de sua perspectiva psicanalítica prefere denomina-lo de mitômano.

8 Vide Reale (2001, p.177-184), segundo este autor, duas das principais influências sofisticas que se sobressaem no discurso de Pausânias, de modo especial quando reconhecemos este como elemento agônico de todo este conjunto de disputas discursivas que se desenrolam neste *Sympotos* é a racionalização e a demitologização (Reale, 2001, p.XXXIX) do louvor a *Eros*. Enquanto Fedro concentra-se suas ferramentas argumentativas no uso do mito, da religião e da poesia, Pausânias fará uso de uma análise fundamentada na estrutura social de sua época, apelando assim, para uma postura relativista-convencionalista.

## Análise e discussão do encômio de Pausânias

Logo após o discurso introdutório de Fedro, que abre a cena simposiástica do diálogo, não há qualquer registro da reação dos presentes, tão somente a informação que depois daquele, e antes da fala de Pausânias, o próximo orador cujo encômio é registrado no *Banquete*, houve outros louvores a *Eros*, proferidos por outros personagens, cujas as falas e as identidades são ignoradas no restante do diálogo<sup>9</sup>.

Sobre a estruturação geral do discurso de Pausânias afirma Reale:

O discurso se articula em seis momentos, com reprise e desenvolvimento do tema segundo a técnica da oratória da época. 1) Porque se existem duas Afrodites, também existem por consequência (180c-e); 2) Eros pode ser bom ou ruim dependendo do modo como for implementado (180e-181a); 3) Eros Vulgar e Eros Celeste e suas características (181a-182a); 4) As contraditórias normas sobre o Eros para os jovens vigentes em alguns países (182a-d); 5) Complexidade e adequação da norma sobre o Eros para os jovens em Atenas (182d-184c); 6) O amor pelos jovens é belo somente se portar a virtude e conclusão (184c-185c). (REALE, 2001, p.175,176)

Antes mesmos de iniciar seu louvor a *Eros*, Pausânias apresenta uma forte crítica à Fedro, declarando que seu gabo sequer é digno de ser incluído como participante do *symposos* que se realiza<sup>10</sup>. Esta postura crítica com os discursos anteriores será uma característica marcante da introdução das falas de todos os convivas que se seguirão.

Há, segundo Pausânias, um erro fundamental no panegírico de Fedro: ele louvou *Eros* indignamente, porque, na verdade, este sequer definiu ao deus a quem pretendeu exaltar. Segundo o amante de Agatão, ao declamar-se um elogio a *Eros* é necessário estar atento ao fato de que: “*Eros* não é único; e não sendo único, o que precisamos firmar, inicialmente, é qual deles deve ser elogiado.”<sup>11</sup>.

Pausânias defende que há uma ligação indissociável entre *Eros* e *Afrodite*, e como ele não tardará em demonstrar que, assim como existem duas *Afrodites*, deve-se considerar a existência de dois Érotos. Diante da presença de dois tipos de Érotos é necessário distinguir que potestade merece o devido

9 Cf. 180c; provavelmente entre estes discursos não rememorados está o de Aristodemo, personagem que – na estrutura dramática construída por Platão – teria sido o responsável por rememorar a Apolodoro os fatos por ele vivido neste episódio.

10 Cf. 180c.

11 Cf. *Banq.*, 180c-d. Está é uma estratégia típica de um discurso constituído por um orador: antes de mais nada, de maneira introdutória, deve-se definir o objeto da discussão com a finalidade de induzir a audiência a sensação de segurança, a qual, não necessariamente, estará no restante do discurso. É relevante notar que Agatão (195a) e Sócrates farão uso do mesmo artifício (199c).



louvor.

Antes de apresentar as duas *Afrodites* e analisar seu perfil é interessante refletir sobre a afirmação de Pausânias: “Como todo o mundo sabe, não há Afrodite sem Eros.” (180d). A questão que naturalmente se segue desta afirmação é: Há respaldo na tradição para afirmar que a geração e atuação de *Afrodite* está intimamente atrelada a *Eros*? O elogio que Pausânias proferirá a *Eros* procura demonstrar a veracidade desta afirmação.

Talvez o argumento mais relevante apresentado por Pausânias em seu encômio é de que existe duas Afrodites: πάνδημος (Pandêmia, Vulgar, Popular) e Οὐρανία (Urânia, Celeste). A existência de duas explicações para a geração de *Afrodite* não é uma criação platônica, já está presente na tradição arcaica e clássica<sup>12</sup> – por meio de outras fontes contemporâneas e posteriores à Platão.

Hesíodo, em sua *Teogonia*, retrata *Afrodite* como filha exclusivamente de Urano, nascida do sémen divino caído no mar quando de sua castração por seu filho<sup>13</sup>. Essa é a narrativa constituída mais primitivamente em contraposição a posterior citada por Homero, Eurípedes e o próprio Platão.

Nascida no mar, esta *Afrodite* tem a natureza manhosa e cheia de enganos<sup>14</sup>. Dentre os deuses que estão no séquito da recém-gerada divindade está *Eros*<sup>15</sup> (v.201) que tem imediatamente sua atuação ligada a *Afrodite*. Tamanho é o poder relacionado a esta deusa que não é ela que segue o cosmogônico *Eros*, mas ao contrário, este que se fará membro de seu cortejo celeste.

Tanto o nome que a novel deusa recebe, quanto os epítetos e o apostrofo que esta *Afrodite Urânia* ganhará serão extremamente relevantes para a construção do encômio de Pausânias. Seu nome tem uma proximidade com a raiz etimológica de áphros que significa “espuma/esperma”, o que faria uma alusão ao mar e ao sémen celeste; a origem do nome estaria associada aos cultos orientais a deusa *Astarté*. Com frequência sua designação vem antecedida pelos adjetivos “áurea”, “bem-coroadada” ou “multiáurea”.

Seus cognomes são: *Citéreia/Cípria*, por ter sido levada por Zéfiro primeiramente à Citeréia e depois as margens da undosa Chipre, após ter nasci-



12 Um destes testemunhos antigos é Pausânias, o grande historiador grego homônimo do personagem platônico. Em suas *Periegésis Helládos*, Livro I, 14, 7, o periegeta narra a existência de um santuário antigo dedicado a uma divindade denominada de *Afrodite Urânia*; já no mesmo Livro I, 22, 3, Pausânias cita a existência de um culto a *Afrodite Pandêmia* e *Peito* que foi constituído sob a orientação de Teseu, existiriam ainda imagens honrando as divindades, mas já no contexto histórico de Pausânias tais esculturas não existiriam mais. Pirenne-Delforge (1988, p.144) cita a existência de um culto a *Afrodite Pandêmia* realizado a sudoeste da Acrópole em Atenas, cujo fundador teria sido Sólon.

13 HESÍODO, *Teogonia*, vv. 178-206.

14 Cf. *Ibdem*, v. 205.

15 Cf. *Ibdem*, v. 201.

do. *Filomedéia/Amor-do-pênis*<sup>16</sup>, em virtude de sua geração diretamente ligada ao membro castrado do Céu por Zeus e sem intercuro feminino. Seu principal aposto é: “de olhos ágeis”.

O “outro nascimento de Afrodite” é narrado por Homero<sup>17</sup> e Eurípedes, antes de Platão. Como filha de Zeus e Dione<sup>18</sup> – sendo esta filha do Céu e da Terra – esta *Afrodite* possui uma natureza feminina, o que no discurso será associado a fraqueza, isto a partir da argumentação desenvolvida por Pausânias.

Dione, a mulher de Zeus nos mais antigos mitos, seria uma complementariedade feminina do filho de Cronos; seu nome Διώνη teria o radical em Διός, designação feminina para Zeus. Filha de *Urano* e *Gaia*, nascida na primeira geração olímpica, Dione tem pouca notoriedade literária, sendo citada na *Ilíada* como a deusa que consola maternamente *Afrodite* em virtude de um ferimento em sua mão.

A esta *Afrodite Popular* está associado um culto prestado pelas *hierodulas*, um grupo de sacerdotisas que através de cerimônias ligadas a rituais sexuais serviam a filha de Zeus e Dione. Havia um grande santuário a *Afrodite Pandêmia* em Corinto, onde mais de mil *hierodulas* fielmente serviam-na gerando grande lucro ao santuário.

Foi, tardiamente, denominada de *Afrodite Hetaíra*, tendo então seu nome relacionado à prática da prostituição e de relações sexuais ilícitas<sup>19</sup>; enquanto isso, *Afrodite Urânia* seria a patrona das uniões legalmente constituídas<sup>20</sup>.

Platão citará ainda nas *Leis* 840e uma *Afrodite Atakton* – desregrada, desobediente, desordeira – a qual está associada a práticas sexuais descomprometidas com qualquer tipo de juízo moral, e que por isso Platão fará a sugestão de que àqueles que se entregam a tais práticas sejam condenados a perda total e irrevogável de seus direitos civis, passando a viver como na condição de um mero estrangeiro<sup>21</sup>, sem qualquer tipo de privilégio ou participação.

Diante destes variados argumentos, fundamentados em diversas tradições, a tese pausaniana de que existem duas *Afrodites* pode ser defendida

16 Esta definição masculinizada será especial para a argumentação de Pausânias.

17 HOMERO, *Ilíada*, V, 312, 370-430.

18 Esta segunda forma de descrever o nascimento de *Afrodite* no discurso de Pausânias aproxima-se da narrativa de descrição do nascimento de *Afrodite-Eros* apresentado no encômio de Sócrates-Diotima. Para autores como Perrone (2013, p.35), tal relação não somente pode ser feita (entre a *Afrodite Pandêmia* e a *Afrodite* da narrativa de Diotima), como por meio desta opção interpretativa deve compreender a natureza das críticas de Sócrates a Pausânias, uma vez que o elogio daquele tende a inverter os princípios defendidos por este.

19 NICANDRO, *Ateneu*, 13, 562d.

20 Cf. Pirenne-Delforge (1986, p.145).

21 Cf. *Leis* 841e.



com determinada segurança; ainda que debaixo da alegação que está é fruto direto de uma argumentação retórica de forte influência sofística<sup>22</sup>.

Depois de apresentar seu argumento sobre a indissociabilidade entre *Eros* e *Afrodite* e da existência de duas *Afrodites*, a dedução natural que Pausânias fará é a de que também devem existir dois Érotos, e por isso deve-se atentamente direcionar o louvor a divindade digna de veneração.

Antes do início da caracterização de cada par a ser analisado: *Afrodite-Eros Celeste* e *Afrodite-Eros Vulgar*, há no discurso do simposiasta uma assertiva que salta aos olhos:

Todos os deuses devem ser enaltecidos. No presente caso vou tentar dizer o que toca a cada um. Com qualquer ato dá-se o seguinte: em sua realização, nenhum, em si mesmo, é belo ou censurável; tudo o que fazemos neste momento: beber, cantar, conversar, nada, em si mesmo, é belo; da maneira por que é feito é que dependerá ser isso; se a ação for executada com beleza e retidão, será bela; se não houver retidão, será feia. É o que se dá com *Eros* e o ato de amar: nem todo amor é belo e merecedor de encômios, mas apenas o que se alia à nobreza. (180e-181a)

Conforme Brisson (2007, p.50) e Corrigan (2004, p.62) o discurso de Pausânias é muito mais elaborado retoricamente do que o de Fedro, e há neste novo orador uma forte carga relativista que denuncia sua estreita proximidade com a *paidéia* sofística.

Não há, como defende Pausânias, um elemento para fundamentação ética ou estética da realidade (censurável ou reto, belo ou feio) todo tipo de julgamento necessita ser feito tomando em consideração o fim que se atinge por meio de determinada ação. Como afirma Brisson (2007, p.192) Pausânias constrói seu discurso sobre aquilo que é convencional e o que não é convencional.

Para Dardón (2012, p.932, 933), para além da influência de Pródico, encontra-se no encômio de Pausânias uma forte influência protagórica especialmente quanto a questão do convencionalismo do sofista que é citada por Sócrates no *Teeteto* e tem muita proximidade conceitual com esta afirmação do *Banquete*.

Em sua “Apologia a Protágoras”<sup>23</sup> Sócrates declara no *Teeteto* (167c):

“Tudo o que em qualquer Estado é considerado como justo e honroso, é justo e honroso nesse Estado e enquanto essa convenção for

10

<sup>22</sup> Diante deste argumento que será tão caro a Pausânias, convencionar-se-á neste trabalho apresentar os dois “Érotos” e as duas “*Afrodites*” como duas unidades conceituais distintas entre si, mas impossíveis de serem dissociadas. Por isso, por vezes, usar-se-á as expressões “*Eros-Afrodite Urânia*” e “*Eros-Afrodite Pandêmia*” para referir-se às duas fontes dessemelhantes de amor no discurso de Pausânias.

<sup>23</sup> Cf. *Protágoras*, 166a-168c.

mantida. Mas o homem sábio substitui toda convenção perniciosa por uma sadia, fazendo esta tanto ser quanto parecer justa.”

Diante deste processo de convencionalismo presente no discurso de Pausânias, com fortes inspirações sofisticadas, a avaliação do louvor a *Eros* fica condicionada ao fim que se chega após o desenvolvimento do discurso; até porque “nem todo amor é belo e merecedor de encômios, mas apenas o que se alia à nobreza.” (181a).

Esta mesma afirmação será ulteriormente repetida por Pausânias em sua fala durante a celebração na residência de Agatão (183d), reforçando assim a tese de que a aproximação deste simposiasta com uma percepção convencionalista da vida em sociedade não é um exagero interpretativo.

Ao iniciar a distinção entre as *Afrodites*, que redundará na disparidade entre os Érotos, Pausânias concentra-se inicialmente na análise da *Afrodite Pandêmia* e por consequência o *Eros Vulgar*, seu par indissociável.

Apreciam este tipo de *Eros* apenas indivíduos vulgares, isto é, φαύλοι. Há três deficiências no entendimento de Pausânias – que aqueles que se unem a *Afrodite-Eros Popular* terão de enfrentar: a) serão amantes tanto de mulheres como de homens; b) experimentarão maiores desejos por prazeres corporais do que da alma – isto é, estarão ligados à satisfação de seus deleites fugazes; e c) não possuirão garantias sobre o fim – enquanto elemento teleológico – da relação amorosa a qual poderá tanto gerar benefícios como prejuízos<sup>24</sup>.

Tais degenerações produzidas por *Afrodite-Eros Pandêmio* tem como fundamento duas peculiaridades estruturais da natureza da filha de Zeus: a) ela é muito mais nova que *Afrodite Urânia*; e b) para sua geração houve o intercurso de um ser feminino.

A conclusão da apresentação que Pausânias faz de *Afrodite-Eros Pandêmia* é, na verdade, uma grande negação de toda natureza hedônica de *Eros*. Prazer corpóreo, desejo sexual, irracionalidade, tudo isso é negado em nome do reconhecimento da “outra” díade *Afrodite-Eros Celeste*.<sup>25</sup>

Após sua negação a deusa do populacho e ao *Eros* que se engendra por meio dela, o *erastes* de Agatão passa a apresentar as justificativas para render lauréis a *Afrodite Urânia* e ao *Eros* que se interliga a ela<sup>26</sup>. Nas palavras do orador: “Totalmente diferente é o Amor que acompanha a Afrodite urânia ...”

24 Cf. 181b.

25 Autores como Rojas (2004), Loredó (2009) e defendem que esta postura de negação dos prazeres e desejos corporais-sexuais é, na verdade, um desprezo a Dioniso presente em todo o diálogo, mas estruturado a partir de argumentos aqui no discurso de Pausânias.

26 Cf. 181c-d.



(181c).

São dois os pressupostos que atestam a superioridade de *Urânia* sobre *Pandêmia*: Aquela foi gerada sem o envolvimento do gênero feminino, mas exclusivamente pela masculinidade<sup>27</sup> e sua concepção é antiquíssima.

As implicações oriundas destes dois traços constitutivos de *Afrodite Celeste* são que: a) Está produz um *Eros* merecedor de louvor, pois a seletiva propensão deste ao masculino, o faz envolver-se com aquilo que é nobre, inteligente e superior; b) a geração primeva da divindade afasta-a dos excessos<sup>28</sup>, próprios da inexperiência da juventude e promove o amor entre os já amadurecidos.

Em 181d, Pausânias enuncia um dos princípios elementares da *paiderastia* grega: a sedução que o *erastes* tenta exercer sobre o *eromenos* deve ter como fim último um processo de partilha, essencialmente de experiências e conhecimento. Tal relacionamento não pode ter um fim em si mesmo.

O segundo orador critica, nesta altura de seu discurso, a postura daqueles indivíduos que, orientados por *Eros Vulgar*, seduzem rapazes imberbes com o único intuito de aproveitarem-se deles e depois abandoná-los sem nada ensinar a tais pessoas.

O argumento de Pausânias retrocede novamente para as regras sociais, alegando que deveriam haver leis que inibissem comportamentos imediatistas e egoístas adotados por aqueles que são dominados pelo *Eros Popular*, e que normatizassem o processo de sedução de jovens, assim como a tradição social daquela época considerava inaceitáveis determinados comportamentos lascivos entre homens e mulheres jovens ou casadas.

Esta etapa do discurso finaliza-se com a alegação de que qualquer relacionamento será bem-sucedido se este adequar-se às normas e leis vigentes em cada comunidade. Novamente o relativismo moral de Pausânias é exemplificado no diálogo numa forte alusão ao conceito do *homem-medida* de Protágoras<sup>29</sup>.

Sobre este argumento convencionalista de Pausânias afirma Reale:

27 A *Urânia* não foi apenas gerada de uma divindade masculina sem o intercurso de um ser feminino, mas, mais ainda, foi constituída a partir do sémen – imagem inequivocamente atrelada a masculinidade – oriundo do castrado *Céu*.

28 Segundo o texto grego, *Afrodite Urânia* está livre, “ὕβρεως”, sendo assim possível fazer mais uma alusão ao caráter anti-dionisíaco do encômio de Pausânias.

29 Ressalte-se que das três possibilidades interpretativas clássicas desta afirmação protagoriana, que se concentram diretamente na definição de *ánthropos* – 1) Compreendido como homem reduzido a sua singularidade existencial; 2) Apropriado como humanidade, e assim referindo-se a totalidade dos indivíduos; e 3) *ánthropos* como comunidade humana referente a um determinado local e período de tempo – Pausânias parece muito mais afeito a terceira opção em seu discurso.



Com notável habilidade oratória Pausânias apresenta a confirmação de sua tese mediante uma análise das posições tomadas em várias cidades contra o amor masculino, tentando demonstrar que isso depende de uma variedade de critérios avaliativos, e portanto da relatividade sobre a questão em julgamento. Em particular, vai demonstrar que a avaliação do amor pelos jovens não depende da *physis*, ou seja da natureza em si da coisa, mas do costume e da instituição, ou seja da "lei positiva", que são muito diferentes (182a7-184b5). (REALE, 2001, p. XL)

Como proibir ou desconsiderar comportamentos que foram consagrados no desenvolvimento comunitário de certa cidade? Partindo deste pressuposto é que o segundo orador do *Banquete* fará uma apresentação dos comportamentos homoeróticos em algumas *polies* e finalizará esta seção de seu argumento trazendo ao centro do debate a tradição *paiderástica* de Atenas.

O louvor de Pausânias a *Eros*, como se verá a seguir, fundamenta-se na tese de que há uma imediata relação entre *Afrodite-Eros Urânia*, a homossexualidade e uma estabilidade social; e em contrapartida, *Afrodite-Eros Pandêmia* e a heterossexualidade serão componentes responsáveis pela desarmonização das cidades que aceitam a veneração a estes deuses e a estas práticas sexuais<sup>30</sup>.

Chegamos então ao diagnóstico de Pausânias sobre as leis e costumes que tratam sobre a *paiderastia* em Atenas<sup>31</sup>. De início o simposiasta afirma que tais normas são de difícil entendimento. É importante tentarmos demonstrar se o intrincado jogo de sedução *erastes-eromenos* em Atenas é de fato um produto social, e ainda como um construto retórico visando o benefício deste orador específico.

O axioma central deste momento do discurso de Pausânias, que como se deve ter percebido há muito deixou de ser um encômio ao *Eros* para ser um elogio a prática da pederastia como elemento de convenção social, será: "De tudo isso é lícito concluir ser considerado em nossa comunidade extremamente belo amar e ser condescendente com a pessoa amada." (183c)

Para o comensal, a condescendência dos atenienses com os compor-

30 O uso de exemplos oriundos das práticas socialmente aceitas em determinadas *polies* diferencia a estratégia de elogio promovida por Pausânias dos demais participantes do *sympositos*; seus artifícios retóricos, ao apelarem para conhecimentos práticos e de fácil compreensão das pessoas da época, parecem mais sólidos e inofensáveis. Evidentemente este artifício literário de Platão reforça uma imagem que propositadamente está sendo construída desde o início do diálogo. Pausânias, a todo custo, tenta impressionar a assistência, especialmente o objeto de seu amor, Agatão.

31 A escolha de Pausânias como aquele que despreverá a prática erótica em Atenas não deve ser considerada como algo desprovido de um propósito específico no texto platônico. O destaque exacerbado que se emprega na valorização das relações homoerótica é algo construído para ridicularizar determinados setores da sociedade ateniense que viviam quase exclusivamente em torno dos prazeres e vícios advindos desta prática (DOVER, 2008, p.43).



tamentos dos amantes é inversamente proporcional ao nível de exigência destes para com os amados. Vergonhoso, nessa comunidade, é o *erastes* fracassar em sua meta erótica de conquista, de modo que, para alcançar o objetivo de seduzir seu jovem *eromenos*, ao amante praticamente tudo é permitido: “jurar, pedir com instantes súplicas e implorações, deitar-se na frente da porta e prestar serviços que nenhum escravo concordaria em fazer...” (183a)<sup>32</sup>.

Há dois elementos a serem destacados nessa descrição comportamental que Pausânias faz do *erastes* ateniense. Primeiro é a similitude entre esse conjunto de condutas do amado aqui apresentado e as características que o *Eros*, segundo o mito socrático, herdou de sua mãe Pobreza e que são apresentadas em 203c-d. Esta visão que Sócrates apresentará sobre o *Eros* parece tão envolvida em uma condição limite com estas que Pausânias cita.

O segundo elemento destacável é afirmação de que os desregramentos do amante eram permitidos inclusive no campo religioso. De acordo com o conviva em seu discurso, para àqueles que estão tomados por *Eros*, até os perjuros são perdoáveis, não só pelos homens, mas pelas próprias divindades, pois, “não há juras de amor” (183c)<sup>33</sup>.

Assim, o amante de Agatão declara que: “Desse modo, tanto os deuses como os homens concedem plena liberdade a quem ama, o que nossas leis confirmam.” (183c); tanto a naturalidade com que os cidadãos aceitam essas posturas excêntricas dos amantes, como a complacência dos deuses com estes, servem para ratificar aquilo que foi acordado socialmente e por isso referendado como lei. Não há um isomorfismo entre norma jurídica e preceito ético, por esta razão, é possível agir vergonhosamente mesmo cumprindo de maneira literal as leis.

Para fundamentar teoricamente esta nova estratégia argumentativa – que relativiza e torna provisórias todas as normas legais constituídas pelo sistema político ateniense – Pausânias parte do argumento central de seu encômio, a diferença entre o amor praticado debaixo da interdição racional de *Eros-Afrodite Urânia* e aquele (des)orientado por *Eros-Afrodite Pandêmia*.

Pausânias retoma a intrincada afirmação de que a natureza do “*Eros*” é complexa, não sendo possível defini-la em si mesma, como algo nobre ou vil, belo ou feio, mas todo caráter avaliativo estará atrelado ao fim que se obterá a

32 A descrição deste comportamento descontrolado atribuído aos envelhecidos amantes em relação aos juvenis amados é, comicamente, invertida por Platão em 218c-d, onde o autor do *Banquete* faz Alcibíades descrever um de seus diálogos com Sócrates no qual ele demonstra toda a gama de desejos incontidos que este era constantemente arrebatado.

33 Se aqui no *Banquete* é no discurso de Pausânias que Platão registra este provérbio, no *Filebo* 65c-d o autor associa o mesmo as palavras de Protarco interlocutor de Sócrates neste outro diálogo.

partir da prática de determinada ação.

Mais uma vez o segundo orador desloca o centro de seu encômio de uma discussão ontológica – da natureza de *Eros* e de suas qualidades intrínsecas – para o campo da *paidéia*, ou seja, para filosofia prática, no qual estão completamente relacionados ética, educação e política.

O que estão pode definir o amor como algo vil/desonroso ou como algo nobre/bom? Segundo Pausânias a responsabilidade não pode ser atribuída a apenas um dos constituintes da relação, por isso cabe ao amado optar por aquilo que se permitirá dominar, se por uma afeição indigna de maneira baixa ou se decentemente à nobreza de determinada sedução. Já ao amante deve constituir-se como um homem de bem, digno de ser acolhido como amigo pelo amado<sup>34</sup>.

O segundo orador depreciará o amante influenciado pelo *Eros Popular* associando as práticas deste prontamente ao desejo/prazer corpóreo e elogiará o *erastes* regido pelo *Eros Celeste* por sua ligação ao aspecto ético-racional dos indivíduos<sup>35</sup>.

Quando uma relação amorosa é perniciosa? Quando está estabelecida sobre o *Eros Vulgar*, pois a característica primária deste tipo de amor, segundo Pausânias, é dedicar-se mais à aspiração pelo corpo do que pela alma<sup>36</sup>. E qual seria o problema de um relacionamento ser constituído a partir desta premissa?

Tomando-se a lógica discursiva de Pausânias, uma união principiada por *Eros Pandêmio* está fadada à fugacidade, tendo em vista que, o elemento balizador desta conjunção – a natureza corpórea – é fortuito e constitutivamente mutável.

Deste modo, neste momento do discurso a fluxidez apresenta-se como elemento sintetizador do *Eros Popular*. Tanto o corpo do amado necessariamente mudará, em virtude das contingências do inexoráveis do tempo, como o desejo do amante – diante da mudança corpórea do amado – também será

34 A relação entre amado e amante em nenhuma de suas manifestações é simétrica. Como já foi anteriormente demonstrado, a assimetria do amor entre homem e mulher funda-se, segundo a perspectiva de Pausânias, em uma diferença qualitativa entre o ser do homem e da mulher. Todavia, mesmo entre os homens esta conjunção não se fundamenta numa condição de uniforme, pois enquanto o amante estará sob influência direta da concupiscência, não especificamente pelo corpo do outro, mas pelo “todo” do amado; este por sua vez aspirará uma relação concentrada na “*philia*”, na amizade com o amante.

35 Cf. 183c-d. É digno de nota que este modelo argumentativo aqui assumido por Pausânias – no qual a corporeidade está diretamente associada a um tipo de conhecimento provisório e frágil, enquanto que a alma será sempre vinculada a um tipo de conhecimento superior – será completamente apropriado por Sócrates e desenvolvido por este, não apenas em seu discurso no *Banquete*, mas em boa parte dos diálogos platônicos onde a figura de Sócrates recebe destaque. Vide, Brisson (2007, p.194).

36 Cf. 183e.



objeto de alteração. Da intensidade encantadora e encantatória inicial, passará a desprezo e abandono final.

Mas há outra alternativa erótica, o *Eros Celestial*, que não prioriza seus vínculos com a estrutura física do amado, mas com alma, com o caráter do mesmo. De maneira contrária ao *Pandêmico*, o *Urânico* une-se ao aspecto próprio do indivíduo que, como compreende Pausânias, não está submetido a alteração.

A constância do caráter, entendida como manifestação social da estabilidade da alma, proporcionará vínculos permanentes. A segurança atribuída a tal tipo de relacionamento é, por evidência, superior àquela atribuída ao *Eros Popular*; tal condição dá-se por duas atribuições qualitativas deste tipo de relacionamento.

Primeiro porque, segundo a antropologia filosófica pausaniana, a constância da alma em comparação a fluxidez do corpo proporciona solidez às uniões que se constituem por este princípio; em segundo lugar porque a nobreza intrínseca às intenções do amante possuído por *Urânio*, que o direcionam ao desejo de contiguidade com a alma do amado, sobressaem-se em comparação ao ímpeto pelo corpo do outro que o *Vulgar* condiciona<sup>37</sup>.

Deve assim o amado, para evitar uma condição vergonhosa de estar em confronto direto com a própria bondade e virtuosidade da relação amorosa, aquiescer à salutar sedução deste amante de qualidades celestes<sup>38</sup>.

Esta associação direta entre a existência de um “*Eros verdadeiro*”, em detrimento aos perigos da sedução de um “*Eros falso*”, que se relaciona diretamente ao desejo da virtuosidade do outro tem como consequência direta, dentro da tese apresentada por Pausânias, a construção de uma sociedade melhor.

Logo, o trinômio Amor-Virtuosidade-Sociabilidade parece ser indissociável como finalidade última do programa erótico de Pausânias. Este pode ser um caminho constituído dramaticamente por Platão para o discurso deste orador com a finalidade de desqualificá-lo por meio, mais uma vez, de sua associação com os sofistas.

Como bem demonstra-nos Osorio:

Todavia, a argumentação de Pausânias falha porque não consegue fazer de seus argumentos um sistema coerente ao longo de sua in-

37 Sobre esta tese de Pausânias, que

38 Cite-se aqui que nos passos 218d-e Alcibíades faz o exato uso deste argumento pausaniano, com a intenção de justificar sua absoluta necessidade de assentimento do amor de Sócrates. Há, entretanto, uma clara inversão de papéis, uma vez que é o jovem amado que se encontra absolutamente transtornado diante da carência afetiva que sente por Sócrates, enquanto este demonstra total serenidade, e até aparente desinteresse.

tervenção. Os métodos que Pausânias propõe para chegar a uma sociedade forte por meio da virtude requerem, por sua vez, ações cuja razoabilidade é extremamente questionável. Nós enfrentamos assim a comprovação de que a pederastia chega a ser uma transação muito similar à que Platão criticou nos sofistas: o ensino da virtude a troca de dinheiro, que neste caso é substituído pelo prazer sexual. (OSORIO, 2014, p.31)

Ainda sobre a natureza controversa do discurso de Pausânias, bem como sua associação com os elementos argumentativos e espirituais da sofística, Reale (2001, p. XXXVIII) afirma que: “O discurso de Pausânias é, a seguir, um ‘contramodelo’ ético-pedagógico, que se apresenta a mentida camuflada com uma máscara dourada.”

Diante da possibilidade da efetivação do *Eros Vulgar*, divindade a ser evitada a todo custo conforme Pausânias, e do *Eros Celeste* – potestade a ser acolhida para a experiência do amor, e que por isso merece ser louvada – cabe àqueles que se envolvem em relacionamentos amorosos submeter tais conjunções ao crivo de testes e provas mais rigorosas possíveis com a finalidade de averiguar qual a natureza do *Eros* que patrocina o enlace que procura desenvolver-se.

Quando for perceptível que a união em análise é produto da ação de *Pandêmio* deve-se fugir imediatamente, todavia diante da constatação de manifestação do *Eros Urânio*, devem ser incentivados e concedidos os devidos favores entre amado e amante.

Pausânias fala da necessidade de uma “verdadeira competição” entre amado e amante, de modo a testar as pretensões de cada um. Ao amante cabe ser insidioso com o amado, persistindo na sedução da alma e consequente aperfeiçoamento do caráter deste, afastando-se assim da volúpia exclusivamente pela natureza corpórea.

Já ao amado cabe ser resistente àquilo que é efêmero, ser apto a fugir dos apelos atraentes dos falsos amantes, pois se os intentos destes tiverem como finalidade apenas o abuso fugaz do seu corpo, aquele deve resistir a todo custo e aguardar que, um virtuoso amante aproxime-se para que a união seja constituída com vistas ao crescimento de ambos sem realizar – como posteriormente afirmará Sócrates em 219a – troca de “ouro por cobre”, virtuosidade por volúpia, nobreza por ignomínia.

Na análise desta agônica erótica, Pausânias descreve as atitudes a serem tomadas pelo amado que podem desqualificá-lo como digno de respeito, dentre elas, assentir com facilidade – sem a devida resistência – as investidas do amante; entregar-se em troca de benefícios pessoais, tais como dinheiro e



poder<sup>39</sup>, ou mesmo por pouca tenacidade diante das perseguições e opressões lascivas.

E porque deve um *eromenos* evitar tais procedimentos? Porque estes não produzem estabilidade ou qualquer tipo de segurança, pois se atermem preferencialmente a prazeres advindos do corpo – símbolo por excelência da mudança – e afastam-se de qualquer tipo de virtude alinhada com a alma, sinônimo de estabilidade<sup>40</sup>.

A esta altura de seu encômio, Pausânias apresenta aquela que pretende ser a resposta categórica à problemática do *Eros* em sua relação direta com o amante e o amado. Nas palavras deste:

Só há um caminho, de acordo com nossos costumes, para o amado entregar-se honrosamente ao amigo: assim como entre nós é permitido ao amigo fazer seja o que for para o seu amado, numa escravidão voluntária, sem, com isso, rebaixar-se nem ser tido na conta de bajulador, assim também só resta para o amado uma servidão voluntária e isenta do labéu desonroso: a que conduz à virtude. (184b-c)

É destacável desta afirmação de Pausânias a ausência de uma tentativa universalizante de resposta a questão do *Eros*; fiel a argumentação que vem desenvolvendo, o segundo orador propõe a busca pela virtude como o único caminho viável para uma relação duradoura e estável entre o par enamorado, conforme as convenções adotadas em Atenas.

Segundo os acordos locais, respeitando as instituições vigentes, apenas esta saída parece ser viável. Deste modo, é necessário perguntar-se sobre a possibilidade factual ou não de efetivação de um relacionamento debaixo da orientação de *Eros-Afrodite Urânia*.

O arremate pausânico parece, muito mais do que toda a argumentação já desenvolvida, parte integrante de um discurso sófístico uma vez que sua proposição em última análise é o acesso a “produção” da virtude por meio do relacionamento amoroso.

A evidência exterior da participação de uma relação erótica que se constituiu sob a orientação do *Eros Celeste*, e por isso será para o bem-estar do indivíduo, é a aquisição ou desenvolvimento pessoal da virtude que o amado<sup>41</sup> adquire por meio do amante, do qual pressupõe-se a posse de tal

39 É impossível não relacionar esta descrição que Pausânias faz dos atos desqualificadores do *eromenos* e a confissão de Alcibíades em 216d-217e sobre como este “caçava” a Sócrates, o qual inamovível em suas convicções e artifícios, não se entregava aos desejos seus.

40 Cf 184b.

41 Assim como no discurso de Fedro, em Pausânias o amado deve tomar uma postura ativa. Enquanto para Fedro tal decisão somente enobrecia ainda mais o tipo de amor fruído na relação, para o segundo orador a disposição do amado a participar ativamente do enlace torna-se essencial, sem a qual este não usufruirá do objetivo central da relação erótica que é



qualidade.

Tem-se assim, atrelado à prática amorosa, a obtenção da *areté*, pressuposto programático comum a todos aqueles que foram historicamente assimilados sobre a denominação de sofistas<sup>42</sup>.

Sobre está proposição de Pausânias, afirma-nos Reale:

Que a sabedoria seja “parte” da virtude não uma tese somente socrática e platônica, mas típica da sofística, embora por outros motivos, como se demonstra de modo paradigmático no *Protágoras* (338e6-348c4). A própria arte sofística era considerada como arte capaz de fazer virtuoso, inteligente e sábio. (REALE, 2001, p.184)

O amante de Agatão sugere a fusão dos dois princípios que foram meticulosamente desenvolvidos durante toda sua exposição discursiva e que agora aparentemente parecem contraditórios: a necessidade do cultivo do amor aos rapazes – uma vez que está é a característica fundamental da orientação erótica de *Eros-Afrodite Urânia*, o homo-erotismo – e a busca pela aquisição da sabedoria por meio da virtude<sup>43</sup>.

É desta pretensa fusão de princípios que seria justificada a *paiderastia*, modelo educacional amplamente difundido na Grécia antiga e que aqui encontra, no discurso de Pausânias, uma fervorosa defesa.

A proposta final de apresentação social do par *erastes-eromenos* encontra em Pausânias a seguinte constituição: sempre que o amante desprender-se de tudo para servilmente devotar-se ao amado naquilo que potencializar a virtude deste – logo, vinculando-se prioritariamente a alma<sup>44</sup> do amado – e quando o amado render-se, naquilo que for justo, ao amante, o qual necessariamente precisa ser capaz de acrescentar algo de bom àquele, então, afirma Pausânias, o *Eros* funde-se estruturalmente com *Afrodite*, e assim o amor torna-se belo e bom<sup>45</sup>.

---

o acesso a virtude.

42 É notório que Platão não associa a sofística, aqui representada no gabo de Pausânias, a acusação rasteira que a tradição imputa-lhes: a tese de que a virtuosidade, enquanto constitutivo ontológico, poderia ser adquirida ou ensinada a alguém. Muito distantes de tais pressuposições metafísicas, os sofistas – com destaque Górgias a quem Platão se permitirá registrar como influência do discurso deste orador ao final do mesmo – defendiam a possibilidade de ensino e aprendizagem da *areté política*, ou seja, a capacidade por excelência em uma sociedade da palavra – construir discursos retórico-persuasivos – pode ser metodologicamente ensinada àqueles que desejosos de atingirem um exercício político pleno, esmerem-se para aprender.

43 Cf. 184d.

44 É um engano, todavia, imaginar que mesmo a união resultante de *Eros-Afrodite Urânia* prescindiria da relação corpórea. Como aponta-nos Dover (2008, p. 136): “Seria um erro imaginar que quando Pausânias distingue (183e) entre ‘o homem que está mais do corpo do que da alma’ e ‘o homem que está enamorado do bom por natureza’ está negando em seguida todo desejo de consumação física ou toda vontade de rejeitá-lo se chegará a oferecer-lhe.”

45 Cf. 184d-e.



A afirmação de Pausânias torna-se principiológica, e por isso, tem seu valor universalizável<sup>46</sup>, tanto que retoricamente o conviva propõe dois quadros hipotéticos (185a) para exemplificar a superioridade normativa e a aceitabilidade social desta prescrição.

No primeiro caso, o simposiasta supõe a existência de um amado que sede a todos os caprichos e desmandos do amante visando a obtenção de algum tipo de benefício pecuniário, posteriormente, entretanto, descobre que tal indivíduo é pobre, sendo incapaz de cumprir com as falsas promessas que anteriormente havia feito.

Conforme a argumentação de Pausânias, não caberia ao amado qualquer tipo de contestação ou protesto, uma vez que por princípio, sua intenção já era vil, nada mais justo do que este ter como retribuição a vileza do outro.

Já na segunda hipótese, é proposto o caso do amado, que numa busca aferrada por aperfeiçoar-se, entrega-se a uma amizade com aquele a quem reputa ser virtuoso, todavia, posteriormente descobrirá que tal indivíduo não passa de um mal caráter.<sup>47</sup>

A este segundo amado<sup>48</sup>, Pausânias reputa honra e dignidade, mesmo quando envolvido pela malícia e engano do amante, pois ainda que não tenha sido possível atingir o objetivo a que se lançou no início do relacionamento, entretanto, a intenção<sup>49</sup> que inicialmente demonstrou revela a nobreza deste amado<sup>50</sup>.

Assim o resumo de tudo quanto foi dito por Pausânias é que: “... é louvável condescender alguém por amor da virtude.” (185b)<sup>51</sup>. Porquê? Em

46 Mais um evidente artifício discursivo-retórico, que relativiza todos os princípios ético-políticos existentes para fortalecer o argumento apresentado, e universaliza as conclusões também para estabelecer a pretensa veracidade da tese defendida.

47 No seu discurso de reparação a Eros no *Fedro* 255b, Sócrates destaca que o *Destino* não garantiu que necessariamente os maus atrair-se-ão em relacionamentos mútuos, assim como também não há garantias de simetrias entre os bons.

48 A ênfase na postura do amado, em detrimento ao comportamento do amante, será uma temática recorrente em todos os discursos, vista sempre como algo superior e digno de elogio. Isto porque o impulso erótico do *erastes* define-se como quase incontrolável, enquanto que o assentimento do *ermomenos* parece sempre passar por sua volição e racionalidade. Contra esta capacidade decisória do amado pode-se citar *Fedro* 255a-b, onde Sócrates apresenta três causas que impelem, também quase que irresistivelmente, ao acolhimento da sedução do amante: o tempo, a idade, a necessidade de amar e retribuir amor.

49 Vide Lacan (1992, p.65,66).

50 Em virtude da falta de um exemplo que se concentre na figura amante persiste-nos a dúvida se seria possível também a este ser individualmente nobre, a despeito da vileza do amado. Sócrates parece personificar perfeitamente este caso: um amante nobre que insistentemente envolve-se com um amado – Alcibíades – que apesar de inicialmente promissor e comprometido, torna-se desmedido e, aparentemente, descomprometido com qualquer projeto de aperfeiçoamento pessoal.

51 Dover (2008, p. 146) faz uma análise do referido passo, associando-o a uma declaração eufemística, segundo o autor: “*Traduzindo o eufemismo para o português, a aceitação de que o mestre introduza o pênis entre as pernas ou no ânus são os honorários que o aluno paga por uma boa educação, e é também o presente que uma pessoa mais jovem faz a outra maior*”





virtude de tal atitude ser fruto da operação de *Eros-Afrodite Urânia*, a qual é incomparavelmente superior a *Pandêmia*, responsável por todos os demais amores.

A especificidade da potestade *Celeste* está em conduzir tanto amante como amado ao caminho da virtuosidade, numa preocupação constante com o outro e consigo mesmo. O trinômio Amor-Virtuosidade-Sociabilidade evidencia-se mais uma vez no encômio de Pausânias.

Numa observação que beira o cômico, Platão registra como última fala de Pausânias: “ – Eis, Fedro’, arrematou, ‘o elogio de *Eros* que me foi possível oferecer-te de improviso’.” Ora, se a essência dos discursos proferidos durante um *sympotos* é sua espontaneidade, a referência a tal “improviso” deve-se associar a sátira platônica ao tipo de performance que o modelo *paidético* sofístico constituía.

### Considerações finais

A associação entre este orador e seu discurso é amplamente reconhecida nos estudos especializados sobre o *Banquete*. As duas teses principais – a superioridade do *Eros Urânio* sobre o *Pandêmio* e a compreensão da relação erótica como elemento que visa o desenvolvimento da sabedoria e da virtude – quando concebidas em síntese imbricam-se para o fim que o segundo orador tanto esforçou-se para dotar de sentido: a dignidade do amado que condescende à relação erótica com um amante que lhe oriente à virtude.

Por este contexto, somente a relação Pausânias-*erastes* e Agatão-*eromenos* faz sentido. Ao criticar a relação entre homem e mulher, associando-a *Eros Vulgar*, o segundo orador investe na continuidade de seu enlace com Agatão como ao mais consistente e digno relacionamento a ser constituído.

Pausânias espelha o próprio *Eros Urânio*: mais velho – por isso declarado mais sábio e respeitável; desejoso pelo outro masculino – deste modo, livre de toda fragilidade associada ao feminino; ligado imediatamente aos aspectos da alma, relegando à valorização do corpo uma importância secundária.

Deste modo, a pretensão pausaniana que se evidencia é alinhar a elaboração de seu gabo a *Eros* com a constituição de uma justificativa que respalde a perpetuação de seu, excêntrico, relacionamento com Agatão. Perceba-se que, se aceita esta tese, Pausânias simultaneamente produz um elogio a *Eros*, a Agatão e a si mesmo.

---

a quem é inclinado a amar e admirar.”



## Referências

CORRIGAN, K.& E. G. *Plato's Dialectic at Play: Argument, Structure, and Myth in Plato's Symposium*. Pennsylvania State University Press, 2004.

DARDÓN, Lucía López de (2012) Retórica en el Banquete de Platón: El discurso de Pausanias y la utilidad del éros persuasivo (En línea). Trabajo presentado en 6º Coloquio Internacional, 19 al 22 de junio de 2012, La Plata, Argentina. p. 928-941.

DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

OSORIO, Laura Alejandra Carrillo. El discurso de Pausanias en El Banquete y la discontinuidad argumentativa entre Eros, pederastia y sociedade. Saga (Bogotá), N° 27, 2014.

PLATÃO. *Banquete* – Apologia de Sócrates. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Introdução Victor Sales Pinheiro. Belém: UFPA, 2011.

\_\_\_\_\_. *Le Banquet*. Traduction inédite, introduction et notes par Luc BRISON. 5ª Ed Paris: GF-Flammarion, 2007.

\_\_\_\_\_. *Simposio*. Giovanni Reale (a cura) Editorial: Fondazione Lorenzo Valla - Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 2001.



BRAZIL, Vicente. Pausânias no Banquete De Platão: Encômio ao Eros sofisticado. *Kalagatos*, Fortaleza, v. 14, n. 28, 2017, p.5-22.

22 Recebido: 05/12/2016  
Aprovado: 11/04/2017

